

*Quando a gente não espera, o sertão vem:
Grande sertão: veredas, uma interpretação
da história do Brasil e de outros espaços*



Charles Northrup. *Seca.*

Durval Muniz de Albuquerque Júnior

Doutor em História Social pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professor do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e dos Programas de Pós-graduação em História da UFRN e da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Pesquisador do CNPq. Autor, entre outros livros, de *A invenção do Nordeste e outras artes*. 4. ed. São Paulo/Recife: Cortez/Massangana, 2009. durvalal@hotmail.com

Quando a gente não espera, o sertão vem: *Grande sertão: veredas*, uma interpretação da história do Brasil e de outros espaços

Durval Muniz de Albuquerque Júnior

RESUMO

Em pleno governo Juscelino Kubitschek, quando o desenvolvimentismo prometia colocar o país em dia com a modernização e com a modernidade, quando a construção da capital federal no interior do país prometia levar o progresso ao sertão e integrá-lo definitivamente à civilização, João Guimarães Rosa publica *Grande sertão: veredas*, sua obra maior, em que a partir da temática do sertão, tão presente no romance regionalista, se propõe a fazer uma interpretação do país, uma leitura da história nacional. Nesta leitura o espaço sertanejo resume o que seria o país e nele também se desenrola os grandes temas e dramas da existência humana, nele vem se encenar as grandes questões que atravessaram toda a trajetória da espécie humana. Sertão, portanto, que é mais do que um lugar preciso, que figura mais do que uma temporalidade específica, sertão universal, reflexão sobre o ser, sobre tempos, espaços e sentidos que sempre retornam; interrogações, problemas e dramas sobre o nosso ser, como região, como nação, como povo ou como espécie que, quando menos se espera, voltam a ressoar, voltam a emergir em novas figurações, em novas configurações, voltam a convocar novamente à interpretação, ao sentido, à escrita, à narrativa.

PALAVRAS-CHAVE: João Guimarães Rosa; interpretação do Brasil; sertão.

ABSTRACT

During de JK administration, when the ideology of "developmentalism" vowed to place Brazil up to date with modernization and modernity, by the time the building of the federal capital in Brazil's midland promised to bring progress to the hinterland and thus integrate it to civilization once and for all, João Guimarães Rosa published Grande sertão: veredas, his master piece. While dealing with the theme of sertão (hinterland), which is quite present in regionalist novels, Grande sertão intends to carry on an interpretation of Brazil and its national history. Here, the space of the sertão is not only a representation of the whole country but also a stage for the unfolding of the major themes and dramas of human existence, where the key issues permeating the human race are played out. Therefore, more than a mere place with a specific temporality, the sertão is a way of reflecting about the existence, about times, spaces and meanings that always come back; interrogations, problems and dramas about our existence as a region, as a nation, as a people or even as a species unexpectedly come back in new configurations, thus calling for new interpretations to our sense, to our writing as well as to our narrative.

KEYWORDS: João Guimarães Rosa; interpretation of Brazil; sertão.



Há mais de cinquenta anos, em 1956, se enunciava que o sertão ia acabar. O mundo queria ficar sem sertão.¹ O desenvolvimento, coqueluche do momento, ia implantar a civilização definitivamente entre nós. O sertão que já havia servido de símbolo das desigualdades e das injustiças sociais do país, de síntese significativa do ser da nação, nas páginas flamejantes de Euclides da Cunha², e que alimentara a literatura regionalista nordestina dos anos trinta, com seu cortejo de misérias, seca, fome, cangaço, coronelismo e fanatismo religioso, estaria com seus dias contados. A industrialização, o crescimento urbano, nos trazia a modernidade e com ela o fim dos tempos do sertão, agora apenas nostalgia, saudade, memória, história que se contava para forasteiro, para estrangeiro conhecer. Será? Desta dúvida, desta pergunta, já que Guimarães Rosa ou o narrador sertanejo são seres desconfiados, que nada sabem, mas desconfiam de muita coisa³, nasceu o livro *Grande sertão: veredas*, uma das muitas tentativas que já se fez para entender o Brasil, para explicá-lo, para dizer para o estrangeiro — afinal Guimarães Rosa era um diplomata — o que definia o ser deste país, o que o particularizava, qual era a sua essência, como entendê-lo, como compreendê-lo, como apanhá-lo em sua significação mais interior. O que o fazia ser tal como é, ser tão brasileiro, ser tão.

O moderno chegava até o sertão e os costumes demudavam; de legítimo, leal, pouco sobrava⁴. Agora sertanejo se chamava Valtêi⁵. Chegava o tempo onde não mais se matava gente. Cangaceiro e jagunço, diziam, era coisa do passado. Empresários olhavam para eles feitos jacarés no juncal: aqueles jagunços destemidos, arriscando a vida, eles os queriam para trabalhos redobrados, escravidão⁶. Os bandos bons de valentões repartiam seu fim e alguns pediam esmolas⁷. Agora quem dominava o sertão era o Governo nacional. Tudo que era ranço ou discórdia ficara para trás⁸. Os vaqueiros já achavam que traje de gibão era feio e capiau. Até o gado tava ficando menos bravo, mais educado: casteado de zebu⁹. O sertão estava ficando povoado de gente que viajava sensato, que ia desempenhando negócio de trazer e vender, gente que conservava em si um estatuto diverso de proceder¹⁰. Homens só vendidos ao dinheiro e ao ganho, mas que pareciam perceber primeiro o atíço real das coisas¹¹. Gente que autorizava a respeitar o trabalho dos outros e entusiasmar o afinco e a ordem, no meio do triste sertão¹². A terra estava ficando concorde, com roncice de paz, cheia de homens particulares¹³. Era o progresso moderno, que vinha em trilhos de trem e em novas estradas de rodagem, que substituíam as inúmeras veredas. Todo mundo se representando ali, ricos, estabelecidos em comércio de valor¹⁴. Agora os teores das gentes se distraíam bem: pronta comida, bons repousos, companheiragem; progresso de bordel, com chá mate seco e instantâneos retratos.¹⁵ Todo mundo sonhando em morar ou entrar em uma grande verdadeira cidade, mesmo que não conhecesse nenhuma¹⁶ ou sair do sertão e morar residido em fazenda perto da cidade¹⁷. Acabar a sufocação em incertezas¹⁸. Ninguém mais queria saber de sertão, agora todos queriam ir pra capital, mover comércio, estudar para advogado e ter o nome di-

¹ ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 15. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982, p. 220.

² CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. 30. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.

³ ROSA, João Guimarães, *op. cit.*, p. 15.

⁴ *Idem, ibidem*, p. 23.

⁵ *Idem, ibidem*, p. 13.

⁶ *Idem, ibidem*, p. 314.

⁷ *Idem, ibidem*, p. 23.

⁸ *Idem, ibidem*, p. 103.

⁹ *Idem, ibidem*, p. 23.

¹⁰ *Idem, ibidem*, p. 56.

¹¹ *Idem, ibidem*, p. 325.

¹² *Idem, ibidem*, p. 60.

¹³ *Idem, ibidem*, p. 87.

¹⁴ *Idem, ibidem*, p. 97.

¹⁵ *Idem, ibidem*, p. 103 e 149.

¹⁶ *Idem, ibidem*, p. 188 e 340.

¹⁷ *Idem, ibidem*, p. 435.

¹⁸ *Idem, ibidem*, p. 297.

¹⁹ *Idem, ibidem*, p. 459.

²⁰ *Idem, ibidem*, p. 97

²¹ Referência a Juscelino Kubitschek, Presidente da República entre 1956-1961.

²² ROSA, João Guimarães, *op. cit.*, p. 374.

²³ *Idem, ibidem*, p. 27.

²⁴ *Idem, ibidem*, p. 219.

²⁵ *Idem, ibidem*, p. 338.

²⁶ *Idem, ibidem*, p. 69 e 294.

²⁷ *Idem, ibidem*, p. 10.

²⁸ *Idem, ibidem*, p. 22.

²⁹ *Idem, ibidem*, p. 59.

³⁰ *Idem, ibidem*, p. 40.

³¹ *Idem, ibidem*, p. 40.

³² *Idem, ibidem*, p. 239.

³³ *Idem, ibidem*, p. 235.

³⁴ Ver ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental*. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

³⁵ *Idem, ibidem*, p. 109 e 121.

³⁶ Sobre a noção de rizoma ver DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil platôs*, v. 1. São Paulo: Editora 34, 1995.

³⁷ ROSA, João Guimarães, *op. cit.*, p. 9.

³⁸ *Idem, ibidem*, p. 59.

³⁹ *Idem, ibidem*, p. 268.

⁴⁰ *Idem, ibidem*, p. 235.

⁴¹ *Idem, ibidem*, p. 314.

⁴² *Idem, ibidem*, p. 350.

⁴³ *Idem, ibidem*, p. 20.

vulgado em jornais¹⁹. Mesmo vi como seria bom, se fosse verdade²⁰.

As cidades acabavam com o sertão. Acabavam? No mesmo ano em que um médico mineiro percorria os sertões do país prometendo desenvolvê-lo cinqüenta anos em apenas cinco²¹ e prometia construir uma capital para o país, que fosse símbolo de sua modernidade, outro médico mineiro, assaltado por esta dúvida, publica um livro em que o sertão aparece, não só como tema central, mas como um grande questionamento, como um problema geográfico, sociológico, histórico, psicológico e filosófico. Em todo o livro as perguntas: O que é o sertão? Onde ele se localiza? Como circunscrevê-lo física e sociologicamente? Como dizê-lo, como contá-lo, como descrevê-lo, como significá-lo, como nomeá-lo, como entendê-lo? Como definir o ser do sertão? Defini-lo não seria definir o ser do Brasil? Ou não? Ver o sertão era ver o Brasil do presente ou do passado? Ou ver o futuro? O grande sertão, uma incógnita, como seus habitantes: os sertanejos. Espaço sem janelas e sem porta de entrada e de saída²², o vago, o vazio²³, boi e boi, boi e boi e campo²⁴, espaço difícil de encher²⁵, como fazer sentido? Pergunta pelo ser da região, da nação, que se desdobra numa reflexão sobre a própria condição humana, sobre o ser humano.

Sertão, lugar onde a racionalidade maniqueísta e binária da civilização ocidental parece soçobrar. Quem carece que o bom seja bom e o ruim ruim, que de um lado esteja o preto e do outro o branco, que o feio fique apartado do bonito e a alegria longe da tristeza, que pare o são longe do doente, o vivo longe do morto, o frio longe do quente, o rico longe do pobre, não vá ao sertão. Os pastos aí não são bem demarcados; é um mundo muito misturado²⁶. O sertão é barroco; não é clássico ou neoclássico. É onde o pensamento se forma mais forte que o poder do lugar; o sertão dá asas à imaginação; é ficção, fantasiação²⁷; é poesia, mais do que ciência; é literatura mais do que história. Mas haverá diferença?²⁸. Sertão, onde se inventam maravilhas glorionhas, que depois acabam sendo cridas e temidas²⁹. Onde comparece porca com ninhada de pintos e galinha puxando barrigada de leitões³⁰. Tudo errado, remendante, sem completação³¹. O sertão é violência à racionalidade, foge a todas as explicações, não se deixa governar nem pela razão; é um espaço para os de meia-razão³². O sertão se sente, é dentro da gente³³. Mais do que um espaço demarcado, mais do que um mapa, é uma emoção, uma memória, uma cartografia sentimental³⁴. É barulho de coisas se rompendo e caindo, e estralando surdo, desamparadas, sem identidade, trapos de ser, tudo incerto, tudo certo³⁵.

O sertão em Guimarães Rosa é uma porção de lugares, uma infinidade de territórios, uma miríade de espaços, múltiplos caminhos, caminhadas, travessias, encruzilhadas, um rizoma³⁶ de veredas e, ao mesmo tempo, todos os lugares e lugar nenhum. O sertão está em toda parte³⁷, é do tamanho do mundo³⁸ e é sem lugar³⁹; é regional — Norte, gerais, aqui Minas, lá já é Bahia⁴⁰ — , nacional — é ô-Brasil⁴¹, é universal, é objetivo e subjetivo. O sertão é a sombra de cada um⁴², é o animal que nos espreita, que vive em nós, é a terra que está em nossa alma, é o índio, o bugre que está em nós⁴³, é o diabo que nos obseda, é o bem e o mal em luta por nos guiar, é o impulso para a ação, o desejo, a vontade sem peias civilizacionais, eros, libido, sexo, é o retorno do recalcado. O sertão é paixão e pulsão, o sertão é nação e região, o sertão é o regozijo e o sofri-

mento⁴⁴. O sertão rosiano é este emaranhado de espacialidades, novelo para ser destrançado e enredado na narrativa, infinita e infindável, desmesurada.

O sertão, para Rosa, é surpreendente, é quando menos se espera⁴⁵. Se alguém o empurra para trás, ele volta a rodeá-lo. Do sertão não se tem escapatória, pois ele está incrustado na pele e na alma de cada um. Quando se tenta dele fugir, quando menos se espera ele vem à tona, para vergonha de muitos⁴⁶. A cidade ou a cidadania não parecem ser antídotos para o sertão. Ele nunca dá notícia⁴⁷, vem em segredo, meio mole, por baixo, em movimentação que não se percebe, constante, liberdade⁴⁸. Todos que malmontam no sertão só alcançam de ranger em rédea por uns trechos; que sorrateiro o sertão vai virando tigre debaixo da sela. O sertão pouco a pouco se vai obedecendo a ele, ingovernável⁴⁹. Mesmo aqueles com casca de cidade e de civilização, quando procuram o sertão não o acham. Mas, quando menos esperam, ele se estremece debaixo de cada um, sem acenar para ninguém às claras⁵⁰. Ele vem e estoura a roupa enfatuada, deixando aparecer botas, esporas e relhos, que se julgavam aposentados para sempre. Façam o que queiram ou o que não queiram vão estar sempre com em cima do sertão⁵¹, mesmo que viagem constantemente para Miami ou tenham cursado doutorado na Sorbonne, em Paris. Sertão vem e volta, não adianta dar as costas, eterno retorno, tempo em espiral, redemoinho no meio mundo, o passado no futuro, futuro passado⁵². Ele beira aqui e beira em todos os lugares, contíguo, superposto, imbricado. Sertão velho de todas as idades. Rumor dele se escuta em toda parte⁵³, MST, UDR, massacre dos Carajás, Dorothy Stang, miss motosserra; bem no meio da cidade, PCC, FEBEM, favela, tiroteio, central do Brasil. Ele é aquele medo de tudo, mansas feras, superstição⁵⁴, trinque os dentes⁵⁵.

O sertão é território liso⁵⁶, raso, que por mais que se percorra não se consegue estriar, onde não se consegue deixar marcas e marcos definitivos, horizontes que não se retém⁵⁷. Não tem onde se acostumar os olhos, toda firmeza se dissolve⁵⁸. Sertão, realidade cujo miolo é um sol em vazios, inessencial⁵⁹. Crosta seca, que por debaixo rebola ocultado um semifundo, de brejão engulidor⁶⁰. O sertão é oculto demais, por isso é preciso tocaia permanente. Só se sabe dele por alto⁶¹. Tudo ele aceita⁶² e tudo rejeita; nele tem de tudo⁶³. No meio dele o que é doideira às vezes pode ser a razão mais certa e de mais juízo⁶⁴; verdade é relativa. Ele não é malino, nem caridoso; ele tira e dá, ou agrada ou amarga conforme cada um⁶⁵. O sertão produz milhares de pessoas, que engole e depois cospe quente da boca⁶⁶, e elas vão perambular por aí, levando o sertão em sua língua. Ele é uma espera enorme⁶⁷, aguarda a civilização que não vem. Ou quando vem parece trazer mais sertão: fome, pobreza, tristeza, abandono, solidão, violência, medo, analfabetismo, doença, morte. Sertão, satanão⁶⁸, satanás. Deus mesmo, quando vier, que venha armado, se não pode haver seqüestro⁶⁹, pois aí tudo é perdido e tudo é achado⁷⁰, até a riqueza, a honra e a vida.

Encontrar o sertão como cadeia significativa de cada ser brasileiro, de cada espaço desta nação, de cada local ou região que nos constitui, é encontrar nossa verdade? É se deparar com nossa realidade, com nossa identidade? Sim e não, parece ser a resposta do livro de Rosa. Há nele uma forma de ver a história, de interpretar o mundo, uma filosofia que o

⁴⁴ *Idem, ibidem*, p. 356.

⁴⁵ *Idem, ibidem*, p. 218.

⁴⁶ *Idem, ibidem*, p. 289.

⁴⁷ *Idem, ibidem*, p. 232.

⁴⁸ *Idem, ibidem*, p. 243.

⁴⁹ *Idem, ibidem*, p. 284.

⁵⁰ *Idem, ibidem*, p. 395.

⁵¹ *Idem, ibidem*, p. 402.

⁵² *Idem, ibidem*, p. 218. Ver também KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado*. Rio de Janeiro: Contraponto/Ed. PUC-Rio, 2006.

⁵³ ROSA, João Guimarães, *op. cit.*, p. 425.

⁵⁴ *Idem, ibidem*, p. 292 e 237.

⁵⁵ *Idem, ibidem*, p. 425.

⁵⁶ Sobre as noções de liso e estriado, ver DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil platôs*, v. 5. São Paulo: Editora 34, 1997.

⁵⁷ ROSA, João Guimarães, *op. cit.*, p. 382 e 41.

⁵⁸ *Idem, ibidem*, p. 239.

⁵⁹ *Idem, ibidem*, p. 40.

⁶⁰ *Idem, ibidem*, p. 54.

⁶¹ *Idem, ibidem*, p. 402.

⁶² *Idem, ibidem*, p. 368.

⁶³ *Idem, ibidem*, p. 399.

⁶⁴ *Idem, ibidem*, p. 217.

⁶⁵ *Idem, ibidem*, p. 394.

⁶⁶ *Idem, ibidem*, p. 443.

⁶⁷ *Idem, ibidem*, p. 436.

⁶⁸ *Idem, ibidem*, p. 448.

⁶⁹ *Idem, ibidem*, p. 18 e 205.

⁷⁰ *Idem, ibidem*, p. 342.

- ⁷¹ *Idem, ibidem*, p. 198.
⁷² *Idem, ibidem*, p. 381.
⁷³ *Idem, ibidem*, p. 12, 166 e 174.
⁷⁴ *Idem, ibidem*, p. 20.
⁷⁵ *Idem, ibidem*, p. 35.
⁷⁶ *Idem, ibidem*, p. 49.
⁷⁷ *Idem, ibidem*, p. 142.
⁷⁸ *Idem, ibidem*, p. 79.
⁷⁹ *Idem, ibidem*, p. 113.
⁸⁰ *Idem, ibidem*, p. 329.
⁸¹ *Idem, ibidem*, p. 60.
⁸² *Idem, ibidem*, p. 118.
⁸³ *Idem, ibidem*, p. 194.
⁸⁴ *Idem, ibidem*, p. 195.
⁸⁵ *Idem, ibidem*, p. 237.
⁸⁶ *Idem, ibidem*, p. 273.
⁸⁷ *Idem, ibidem*, p. 318.
⁸⁸ *Idem, ibidem*, p. 355.
⁸⁹ *Idem, ibidem*, p. 315.
⁹⁰ *Idem, ibidem*, p. 410.
⁹¹ *Idem, ibidem*, p. 11 e 248.
⁹² *Idem, ibidem*, p. 40.
⁹³ *Idem, ibidem*, p. 248.
⁹⁴ *Idem, ibidem*, p. 67 e 156.
⁹⁵ *Idem, ibidem*, p. 237.
⁹⁶ *Idem, ibidem*, p. 56 e 74.
⁹⁷ *Idem, ibidem*, p. 139.
⁹⁸ *Idem, ibidem*, p. 175.
⁹⁹ *Idem, ibidem*, p. 182.
¹⁰⁰ *Idem, ibidem*, p. 187.
¹⁰¹ *Idem, ibidem*, p. 187 e 348.
¹⁰² *Idem, ibidem*, p. 241.
¹⁰³ *Idem, ibidem*, p. 301 e 378.
¹⁰⁴ *Idem, ibidem*, p. 312.
¹⁰⁵ *Idem, ibidem*, p. 33.
¹⁰⁶ *Idem, ibidem*, p. 126.
¹⁰⁷ *Idem, ibidem*, p. 16.

impede de ter certezas e de propor definições. As reflexões sobre o sertão são reflexões sobre o ser, ontologia. E aí se diz que o ser é tão confuso, tão dividido, tão diverso, tão diferente⁷¹, o ser é tão discordado, com partes e artes, com diferentes vertentes de viver, que não se pode defini-lo⁷². Tudo é e não é, não quer ser; tudo é nem não nem sim, mais pelo não que pelo sim⁷³. E nada está terminado, nem mesmo as pessoas, pois vão sempre mudando⁷⁴. Nem o ser do brasileiro, nem o ser do Brasil, nem o ser do sertão, nem o ser do sertanejo podem ser nomeados com uma só palavra, os nomes para eles estão sempre mudando⁷⁵. Aí o verdadeiro pode estar no falso, pois a vida é muito esponjosa⁷⁶; um ainda não é um, faz parte com todos⁷⁷. Pois o ser é feito de matéria vertente, ele é devir, não tem unidade, ele é o que ainda não se sabe, grande sertão, gã que empurra a gente para fazer tantos atos, dar corpo ao suceder⁷⁸. O ser é viver, atravessar a vida, caminhar às cegas, por múltiplas veredas procurando o caminho, que só se sabe retrospectivamente. O ser é como um rio, sempre sem antiguidades⁷⁹. Um rio turvo, um rio baldo, baldeado. O ser, como o rio, não quer chegar a nenhuma parte, a nenhum telos; ele quer chegar a ser mais grosso, mais profundo⁸⁰. O rumo das coisas é inconstante⁸¹. O ser é o que pode haver sempre e ainda não há, probabilidade⁸², é o que ainda vai se ver quando se vê⁸³. O ser é tão a revelia⁸⁴. Tudo o que foi é o começo do que vai vir, toda hora da gente está num cômputo⁸⁵. Todo caminho é resvaloso⁸⁶, tem redemoinho. Ser é ficar sendo⁸⁷, estar. O ser não é o mesmo o tempo todo⁸⁸, inviabiliza identidades. Natureza da gente não cabe em nenhuma certeza⁸⁹. Tudo está sempre em constante reforma e agente não sabe direito em que rumo está⁹⁰. Ser desorientado, desnordeado.

Ser é viver, e viver é negócio muito perigoso⁹¹, sempre assombrado pela morte, sua negação⁹². Ser rosiano, tão existencial, tão existencialista, ameaçado pelo mergulho no nada, nonada⁹³. Ser de formas inacabadas, sem formato, em peleja pelo exato que resulta em erro, em luta contra este perigo, que sempre vem⁹⁴. O sertão é a morte, que nos espreita, mesmo em cada esquina das cidades globais, o demônio na rua, e não é não?⁹⁵. Ser é viver, e viver é um descuido prosseguido, acaso, etcétera⁹⁶. Viver é trair, é falso viver, deslealdades⁹⁷, viver é tontos movimentos, é luta, é guerra. Viver, ninguém sabe se sabe o que é, se está longe ou perto ou se é por cima ou por baixo⁹⁸. A vida não dá demora em nada⁹⁹, passa, se consome e é isso só. A vida vai em erros, como um relato sem pé nem cabeça, por falta de sisudez e alegria¹⁰⁰. A vida é teatro onde cada um desempenha seu papel, mas não sabe o final da peça, nem o enredo; é mutirão de todos, por todos remexida e temperada¹⁰¹. A vida esquenta e esfria, aperta e afrouxa¹⁰², noção que se completa sempre com idéia falsa, pois é apenas cada dia um dia, de impossível definição, vago variado¹⁰³. Vivendo se aprende; mas o que se aprende, mais, é só fazer outras maiores perguntas¹⁰⁴. A vida é pacto, conveniência, convivência, convenção. É pacto com o diabólico e com o divino.

O sertão de Rosa, como o Brasil, é ser tão dividido e indeciso entre as forças do bem e do mal, ser tão distinto do ser cristão, maniqueísta. Deus aqui só é possível ser visto na figura do Outro¹⁰⁵, só pode manobrar os homens mandando por intermédio do diabo, pois tudo aqui é indivisão, bons e maus se pertencem¹⁰⁶. Ao se querer o bem com demais força, de incerto jeito, pode já estar sendo se querendo o mal, por principiar¹⁰⁷. Se

Deus é eternidade, definitivamente, o demo, o povo, o humano é o contrário, movimento, devir, história¹⁰⁸. Se Deus é esperança é porque sempre um milagre é possível e sempre vivemos deles. Se com Ele o mundo se resolve; se sem Deus a vida é burra, sem sentido, perdida; se sem Deus o mundo não tem freios, é todos contra os acasos, pois não há plano, não há sina, não há destino, não há salvação, só devires; se sem Deus não se pode descuidar nem um pouquinho; se sem Ele a gente não tem licença pra coisa nenhuma, a crença Nele se torna obrigatória. Deus existe mesmo quando não há e se não há; por precisão. Pois senão tudo é o demônio, tudo é dele. O que não é Deus: infinito, eterno, imutável, universal, onisciente, onipotente, uno, indiviso, a verdade e a razão soberanas e últimas, a ordem, o fim, o descanso eterno, o caminho, a esperança, a segurança, o consolo, é estado de demônio. Como o humano não consegue ser nada que define o divino, parece ter parença é com o demo, com o diabólico. O demônio não precisa existir para haver — a gente sabendo que ele não existe aí é que ele toma conta de tudo, deslimites, descaminhos. É o medo do demônio que segura os demônios que nos habitam. A gente quer Céu porque quer um fim paradisíaco para a vida, mais esta pode ser inferno sem fim que nem não se pode ver¹⁰⁹. A fé não vê a desordem em redor¹¹⁰, por isso crer, ter religião é fundamental para o brasileiro, para os homens. A religião salva o homem da doideira. Somente a reza, o amor e a coragem desendoidam os homens¹¹¹, fazem existir a alma e nela o divino. Saberíamos se Deus estava mesmo vislumbrante se tudo esbarrasse, por uma vez¹¹². Mas o mundo, as coisas, as pessoas, o sertão vêm, devêm, tudo se desencaminha de si, fica velho, morre¹¹³. Como Deus parece querer consertar tudo de vez, completo contrato, o demo vai reinando enquanto existir tempo, enquanto existir vida¹¹⁴. O demo parece habitar o ser, o sertão, mais do que o divino, pois ele não está cheio de aleijões e feiezas, tudo pelos lugares bem repartidos?¹¹⁵ O ser parece tão abandonado por Deus, nestas paragens, que Ele se assemelha a um inconstante patrão¹¹⁶. É sua ausência que faz parecer que há demônio. Mas o demônio não existe real¹¹⁷. O demônio, assim como Deus, existe, mas só por intermédio da ação das pessoas: de bons e maus, são falsos imaginados, são estilos sem entes próprios, são nós mesmos¹¹⁸. O que existe é o homem humano¹¹⁹. Coisas imensas no mundo. O grande-sertão é a forte arma. Deus e demônio, gatilhos? Móveis da ação humana, explicação para ela? O homem nem é de Deus nem do diabo¹²⁰. E o Brasil?

Brasil, ser do Brasil, sertão, criatura da confusão, do desassossego¹²¹, das misturas, dos híbridos, das metamorfoses, das mestiçagens, dos androginismos, do entremeio¹²². Realidade turva, difícil de explicar, de saber, de conhecer. Onde os tempos e os espaços se embaralham, se imbricam, onde progresso pode não ser progresso e passado pode não ter passado¹²³ Terra conquistada, terra construída e recruzada por tropeiros e viajores¹²⁴, nômades, gente em fuga dos outros e de si mesmos, figura aparecida nas encruzilhadas¹²⁵. Terra de gente de obscuro nascimento, órfãos de conhecimento e de papéis legais, gente que viaja, arrancha, passa, deixa filhos em todo lugar, que pouco se apega, que não quer chegar a nenhuma parte, mas estar em toda parte¹²⁶, no giro-giro, no vago dos gerais, que nem pássaro de rio e lagoa, rasgam sertões¹²⁷. Terra de travessias, atravessada, sem saída e sem chegada, reali-

¹⁰⁸ *Idem, ibidem*, p. 35.

¹⁰⁹ *Idem, ibidem*, p. 49.

¹¹⁰ *Idem, ibidem*, p. 258

¹¹¹ *Idem, ibidem*, p. 15 e 445.

¹¹² *Idem, ibidem*, p. 237.

¹¹³ *Idem, ibidem*, p. 199.

¹¹⁴ *Idem, ibidem*, p. 258.

¹¹⁵ *Idem, ibidem*, p. 48.

¹¹⁶ *Idem, ibidem*, p. 179.

¹¹⁷ *Idem, ibidem*, p. 235.

¹¹⁸ *Idem, ibidem*, p. 357 e 365.

¹¹⁹ *Idem, ibidem*, p. 460.

¹²⁰ *Idem, ibidem*, p. 260, 319 e 373.

¹²¹ *Idem, ibidem*, p. 61 e 189.

¹²² *Idem, ibidem*, p. 64.

¹²³ *Idem, ibidem*, p. 61.

¹²⁴ *Idem, ibidem*, p. 78.

¹²⁵ *Idem, ibidem*, p. 142, 304 e 309.

¹²⁶ *Idem, ibidem*, p. 106 e 338.

¹²⁷ *Idem, ibidem*, p. 35 e 384.

¹²⁸ *Idem, ibidem*, p. 30, 52 e 177.

¹²⁹ *Idem, ibidem*, p. 230.

¹³⁰ Ver SERRES, Michel. *Hermes: uma filosofia da ciência*. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

¹³¹ ROSA, João Guimarães, *op. cit.*, p. 235.

¹³² Para devir animal, ver DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil platôs*, v. 1, *op. cit.*

¹³³ ROSA, João Guimarães, *op. cit.*, p. 159.

¹³⁴ *Idem, ibidem*, p. 165.

¹³⁵ *Idem, ibidem*, p. 259.

¹³⁶ *Idem, ibidem*, p. 294.

¹³⁷ *Idem, ibidem*, p. 417.

¹³⁸ *Idem, ibidem*, p. 412 e 428.

¹³⁹ *Idem, ibidem*, p. 111, 112

¹⁴⁰ *Idem, ibidem*, p. 115 e 220.

¹⁴¹ *Idem, ibidem*, p. 454.

¹⁴² *Idem, ibidem*, p. 436 e 442.

¹⁴³ *Idem, ibidem*, p. 454.

¹⁴⁴ *Idem, ibidem*, p. 370.

¹⁴⁵ Ver RANCIÈRE, Jacques. *Os nomes da história*. São Paulo: EDUC/Pontes, 1994.

¹⁴⁶ ROSA, João Guimarães, *op. cit.*, p. 121.

¹⁴⁷ *Idem, ibidem*, p. 126.

¹⁴⁸ *Idem, ibidem*, p. 134 e 156.

¹⁴⁹ *Idem, ibidem*, p. 137 e 455.

¹⁵⁰ *Idem, ibidem*, p. 33.

¹⁵¹ *Idem, ibidem*, p. 98.

¹⁵² *Idem, ibidem*, p. 455.

¹⁵³ *Idem, ibidem*, p. 77.

¹⁵⁴ *Idem, ibidem*, p. 79 e 112.

¹⁵⁵ *Idem, ibidem*, p. 135 e 142.

¹⁵⁶ *Idem, ibidem*, p. 304.

dade que se dispõe no meio, como a vida, como o ser, rio que arrasta¹²⁸. Distâncias entre as coisas e os tempos: impossível saber, só presumir¹²⁹. Terra nascida do desterro, do transporte, da metáfora, nascida sob o signo de Hermes¹³⁰, Hermógenes¹³¹. Brasil, sertão, devir animal¹³², grosso misturado de cavalo, jibóia e cachorro grande¹³³, onde se ouvem rinchados de jumento velho¹³⁴ por dentro de corpos de gente, no arranhar dos órgãos¹³⁵, pobreza arredando menos os bichos da gente¹³⁶, bichos ou homens que guerreiam para viver, para ser tão¹³⁷.

Brasil, grande sertão, veredas mortas, rumo sem termo, juízo sem raiz, rios e riachos que se apartam, destinos extraviados, desviados, cada um pruma banda, desejos repartidos, divisão e dor, Diadorim¹³⁸. Macieza de voz, caprichado ser num homem-d'armas, brabo bem jagunço¹³⁹. Afetos, doçura no olhar, mistérios¹⁴⁰, de um ser capaz de ódio, ser forjado nas formas do falso, com que nome chamar¹⁴¹? Brasil, brasileiros, sertão, sertanejos, guerreiros que se amam, guerreiros que se matam, que lutam contra o bem-querer, entre risos e soluços¹⁴². Brasil, sertão, onde a história se acabou, onde a história está acabada, onde a história acaba¹⁴³. Será? Já se deu tanta explicação para este país, porque aqui os próprios nomes redobram, aqui se aceitam todos os nomes¹⁴⁴, mas e o que é um nome?¹⁴⁵ Nome não dá, recebe sentido¹⁴⁶. Dizer sertão, dizer Brasil não diz muita coisa. Dizer Minas ou Bahia também não. Apelidos que podem pegar ou não¹⁴⁷. Pegaram, por quê? É preciso, para saber, ir até no rabo das palavras, saber como elas pegam significado, em cada hora, em cada época, em cada espaço¹⁴⁸, inquirir as palavras pensadas e pensantes que principiam todas as ações, rompendo rumo¹⁴⁹, relembando, contando o sombrio das coisas, narrando para estranhos¹⁵⁰. Só assim espaços e tempos ganham consistência, existência.

Mas as lembranças da vida da gente, as memórias se guardam em trechos diversos, cada um com seu signo e sentimento, não se misturam. Contar seguido, alinhavado, só mesmo as coisas rasas de importância. As coisas importantes, todas, em curto acaso foi o que se conseguiu — pelo pulo fino sem ver se dar, por cabelo por um fio, um clim de clina de cavalo¹⁵¹. As significativas bóiam no presente, rompendo os liames do tempo. Tem horas antigas que ficaram muito mais perto da gente do que outras, de recente data. E agente revendo, refazendo, como se ao contar pudesse receber outra vez o que não tinha tido¹⁵². Por isso narrar o Brasil, narrar a nação ou a região, narrar o sertão, o ser, não é possível numa narrativa linear. É preciso idas e vindas, retornos, linha desmembrada, entrançada¹⁵³. Narra-se o que formou passado para cada um com mais pertença, fala-se de lado, resvalando, separando o que vale do que não vale¹⁵⁴. Vai-se remexendo no vivido longe alto, com pouco caroço, querendo esquentar o coração nas lembranças, querendo enfiar a idéia, achar o rumozinho forte das coisas, caminho do que houve e do que não houve, escolhas, veredas. Não é fácil, contar é muito dificultoso¹⁵⁵. Não pelos anos que se passaram. Mas pela astúcia que têm certas coisas passadas — mudam de sentido, fazem balancê, se rememem dos lugares. As lembranças demudam de valor — se transformam, se compõem, em uma espécie de decorrido formoso, se embandeiram, se engalanam, se heroicizam. Como falar exato, como saber o que teria sido? A qualquer narração dessas depõe em falso, porque o extenso de todo sofrido se escapole da memória. E agente não esteve lá¹⁵⁶. O que se

conta é resumo, pois no estado de viver as coisas vão inquiridas com muita astúcia¹⁵⁷. A cabeça da gente é uma só, e as coisas que há e que estão para haver são demais de muitas, muito maiores, diferentes e a gente tem que aumentar a cabeça, para o total¹⁵⁸. Não há como não narrar resfriando o narrado, esvaziando de emoção, simplificando, tornando luiz-e-silva (lula!)¹⁵⁹. Tantas horas de pessoas, tantas coisas em tantos tempos, tudo miúdo, recruzado, por isso toda mentira se aceita ou se inventa. O senhor não é igual?¹⁶⁰

Para saber o que é o Brasil, para saber o que é o sertão é preciso contar a sua história. Melhor, as suas histórias, pois os dias passados vão indo em fila para este espaço; o sertão é passado¹⁶¹. Será? Contar os casos inteirados em si, múltiplos, não a sobre-coisa, a outra-coisa, metahistória¹⁶². Não contar nada à-toa, não desperdiçar palavras, não estar nos não-acontecidos nos passados: repetição, costume, tradição, identidade¹⁶³. O que se lembra se tem, por isso é preciso selecionar as lembranças, se podem vir de velhas alegrias ou de velhas tristezas¹⁶⁴. O tempo e o espaço terão a cara que você escolheu, esperança ou desconsolação. Os fatos passados obedecem à gente; os fatos por vir também. Só o poder do presente é que é furiável, é o que é, o real, a verdade, sem controle, o vivo tempo que passa sem nos darmos conta¹⁶⁵. O Brasil e o sertão, passados e futuros, domáveis, narráveis, sonháveis. Brasil, sertão, presentes, indomáveis, inexplicáveis, sofríveis. Tempos, travessia da gente¹⁶⁶, puro tempo vindo de baixo, quieto mole, como a enchente numa água. Tempo, vida da morte, imperfeição¹⁶⁷.

Mas para saber do Brasil, para saber do sertão quem deve narrá-lo, o sertanejo ou o doutor, o forasteiro, o estrangeiro? Guimarães Rosa foi ouvir o sertanejo, que navega mal nas altas idéias, que inveja leitura e doutoração. O Rosa-narrador sertanejo não aprecia uma continuação inventada, uma narrativa linear, porque assim não se diz o Brasil, assim não se diz o sertão, não se diz o ser. Pessoas de alta instrução inventam coisa limpa e verdadeira. Enchem o mundo de movimentos, sem os erros e volteios da vida em sua lerdeza de sarrafaçar. A vida disfarça, os doutos acham que narrar é retirar o disfarce, desvendar. No real da vida as coisas não acabam em final feliz, como nos livros escritos por doutos¹⁶⁸. Para Rosa, mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende¹⁶⁹. Brasil, sertão, ser, para se saber só vivendo no meio do redemunho, ali bem no centro onde o diabo se verte, onde ele viaja, redemunho do tempo, espiral, onde tudo que já foi pode vir a ser¹⁷⁰. Só o sertanejo pode desenhar o sertão, pode dar os dados do lugar, letral, mundo desenhado em pontos de cruz¹⁷¹. Aqui quem é muito lógico, muito racional, cega que nem nó¹⁷², não consegue ver o país, o sertão aí do lado, o sertão aqui dentro e ali fora. Aqui a razão normal de coisa nenhuma não é verdadeira, não maneja. A nossa terra é sempre longe daqui, longe dali, em outro lugar¹⁷³. Aqui as doideiras regem os costumes da vida da gente, ninguém é capaz de acertar com estas regras, com estas estruturas, de uma vez¹⁷⁴. Qual a razão maior de nossas vidas¹⁷⁵, os senhores não estão querendo saber? Rosa pensava que devíamos acordar de um encanto, pois coisas e pessoas, aqui, não pareciam de verdade¹⁷⁶, saudades do que não foi, o indicado dito nunca era completa verdade¹⁷⁷. Aqui carecemos de uma realidade no real, sem divago¹⁷⁸. Isso pode? Mente pouco, quem a verdade toda diz¹⁷⁹.

¹⁵⁷ *Idem, ibidem*, p. 310.

¹⁵⁸ *Idem, ibidem*, p. 236.

¹⁵⁹ *Idem, ibidem*, p. 448.

¹⁶⁰ *Idem, ibidem*, p. 142.

¹⁶¹ *Idem, ibidem*, p. 236 e 240.

¹⁶² *Idem, ibidem*, p. 152.

¹⁶³ *Idem, ibidem*, p. 234.

¹⁶⁴ *Idem, ibidem*, p. 145.

¹⁶⁵ *Idem, ibidem*, p. 260 e 191.

¹⁶⁶ *Idem, ibidem*, p. 304.

¹⁶⁷ Ver ELIAS, Nobert. *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

¹⁶⁸ ROSA, João Guimarães, *op. cit.*, p. 67.

¹⁶⁹ *Idem, ibidem*, p. 235.

¹⁷⁰ *Idem, ibidem*, p. 187.

¹⁷¹ *Idem, ibidem*, p. 414.

¹⁷² *Idem, ibidem*, p. 73.

¹⁷³ *Idem, ibidem*, p. 268.

¹⁷⁴ *Idem, ibidem*, p. 307.

¹⁷⁵ *Idem, ibidem*, p. 310.

¹⁷⁶ *Idem, ibidem*, p. 66.

¹⁷⁷ *Idem, ibidem*, p. 116.

¹⁷⁸ *Idem, ibidem*, p. 184.

¹⁷⁹ *Idem, ibidem*, p. 276.

¹⁸⁰ *Idem, ibidem*, p. 70.

¹⁸¹ *Idem, ibidem*, p. 71.

¹⁸² *Idem, ibidem*, p. 101.

¹⁸³ *Idem, ibidem*, p. 101.

¹⁸⁴ *Idem, ibidem*, p. 293.

¹⁸⁵ *Idem, ibidem*, p. 37 e 94.

¹⁸⁶ *Idem, ibidem*, p. 37.

¹⁸⁷ *Idem, ibidem*, p. 314.

¹⁸⁸ *Idem, ibidem*, p. 317.

¹⁸⁹ *Idem, ibidem*, p. 224.

¹⁹⁰ *Idem, ibidem*, p. 212.

¹⁹¹ *Idem, ibidem*, p. 101 e 104.

¹⁹² *Idem, ibidem*, p. 289.

¹⁹³ A palavra *demo* também tem o sentido de povo, de onde vem o termo democracia. Rosa parece jogar com esta duplicidade da palavra, ou seja, demônio e povo.

¹⁹⁴ ROSA, João Guimarães, *op. cit.*, p. 57.

¹⁹⁵ *Idem, ibidem*, p. 144.

¹⁹⁶ *Idem, ibidem*, p. 284 e 434.

¹⁹⁷ *Idem, ibidem*, p. 341.

¹⁹⁸ Referência ao município do Estado do Rio Grande do Sul, onde o candidato a Presidência da República, pelo PSDB, Geraldo Alckmin, recebeu a maior votação proporcional nas eleições presidenciais de 2006.

¹⁹⁹ ROSA, João Guimarães, *op. cit.*, p. 294.

²⁰⁰ Referência ao município do Estado do Maranhão, onde o candidato a Presidência da República pelo PT, Luís Inácio Lula da Silva, recebeu a maior votação proporcional nas eleições presidenciais de 2006.

²⁰¹ Estes são alguns sentidos da palavra *maranhão* ou *maranha*.

Brasil, terra onde os bandidos, que desonram o nome da Pátria e este sertão nacional¹⁸⁰, teimam em não morrer. Onde as sanguessugas não são exclusivas dos matos e vampiros não chupam apenas pescoços de cavalos sonolentos, filhos da égua!¹⁸¹ Brasil, onde render serviço à Pátria¹⁸², requer rendimento, extra, mensalão. Pátria desfrutável, privadamente, onde tudo que é nacional pode ser de Vedoin ou de Deputado¹⁸³. As novas leis escritas convivendo com as velhas leis do grito, da escravidão, da metralhadora, da tortura, da extorsão, da exploração sem peias, do safanão, do roubo, da pilhagem, do preconceito, do privilégio, do nepotismo, do clientelismo, do “sabe com quem está falando?”¹⁸⁴. País que vive sonhando com um homem forte, par-de-frança, capaz de tomar conta deste sertão nosso, mandando por lei, de sobregoverno de caráter¹⁸⁵. Brasil, sertão do mito do coronel, do homem viril, do pai dos pobres, do salvador da pátria, sertão colorido¹⁸⁶. Brasil, sertão, que precisa das benfeitorias do governo, transformando o sertão inteiro do interior¹⁸⁷. Promessa que tem sido feita muitas vezes, petas de Habãos, Inocêncios, Maias, ACMs e paus-Cardosos¹⁸⁸, a quem isso não entusiasma. E o mundo na junta se desgovernando¹⁸⁹. Por isso é muito atual a advertência de Rosa: A gente tem de sair do sertão! Mas só se sai do sertão tomando conta dele adentro¹⁹⁰. Mesmo que não seja com progresso forte, fartura para todos, alegria nacional! Mesmo que não seja por grandes fatos, muita coisa republicana¹⁹¹ Nem que seja com cisternas, com bolsas família, já será um pouco de luz para todos. Muito pouco, seu moço, mas, cuidado!, o pouco é muito no sertão, farinha e água costuma levantar doente, e o sertão pode vir de novo, quando e como não se espera.

Em 2006, quando não se esperava, o sertão veio de novo¹⁹². O *demo*, o povo que o habita¹⁹³, os peixes dos grotões, a pobreza geral, gente no duro e no desânimo¹⁹⁴, resolveram escolher o diabo vermelho, resolveram ir para longe de muita gente conhecida, gente de mando¹⁹⁵, no exercício da democracia. Acreditaram mesmo que o *demo* é de todos ou é todos e rebuliram com o sertão, com os donos¹⁹⁶. Os doutores da cidade, os civilizados do planalto paulista, os homens bons descendentes de posseiros de sesmarias¹⁹⁷ se indignaram, assim como os da raça alemã do Arroio do Padre¹⁹⁸ e do pefelê. Mas não será também o sertão vindo, estes arreganhos de dentes, estes golpes de estado midiáticos, a arrogância do dedo em riste do representante de Deus, em debate televisivo, ao apontar para o *demo* e dizer: mentiroso!; _diga de onde vem o dinheiro do dossiê? Logo o *demo* que nunca soube nem de onde vem e nem pra onde vai a bufufa federal e doce, eh!, pouco come. E o tinhososo, a responder, pergunte àqueles que governam desde Pedro Álvares Cabral. Em revistas e blogs, os do bem, os da luz (dalus!) advertiram, assim como Rosa fizera: convém nunca entrar no meio de pessoas muito diferentes da gente. De homem que não possui nenhum poder nenhum, dinheiro nenhum, os senhores tenham todo medo!¹⁹⁹ Aflitos exclamam: ai de mim! Opus dei! O *demo* veio bem da Central do Maranhão²⁰⁰, bem do emaranhado, do enredado, das grenhas que constituem o país. Dizem, então, os alumiados analistas políticos: veja, que época, isto é manha, velhacaria, mentira, patranha²⁰¹, não pode ser, não tem gracia (garcia!). O *demo* vem e agora é quem quer governar o Estadão. Gritam, mira um leitão (mirialeitão), é ele, é o porco, o sujo, o sapo barbudo, o sem dedo, o feio,

o suado, o nordestino, o operário. Os jornais do Brasil noticiam que o demo está nas ruas, no meio do redemunho e, quem sabe, se derem as chaves, evo fidel!, governe o globo. Alguns em falas estertóricas, em convulsão, chegam a anunciar que já há albores (jabores!) de fim de mundo, e que mais nada (mainardis) se pode fazer, a não ser se persignar e gritar em alto e bom som: este país está perdido, é mesmo um sertão, um sertão, jacques! Wagner retro sataná!



Artigo recebido e aprovado em junho de 2009.